

700859

Biblioteca - Unemat - PLA



00014010

**BIBLIOTECA  
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 14010

Data 19 / 08 / 2009

( ) Compra (x) Doação ( ) Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**O pacto de Dorian Gray e o mito da beleza eterna**

Karen Tatyane Cavalcante dos Anjos

Pontes e Lacerda – MT

Dezembro / 2008

821.111  
A597X  
2X.01

**Karen Tatyane Cavalcante dos Anjos**

**O pacto de Dorian Gray e o mito da beleza eterna.**

**Monografia apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso como exigência para obtenção do Título de Graduado em Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas Afins, sob a orientação da Profª. Érika Regina Soares de Souza.**

**Pontes e Lacerda – MT  
Dezembro / 2008**

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por me dar a vida, por ter me permitido chegar ao fim de mais uma etapa e por ter colocado em meu caminho pessoas maravilhosas que me apoiaram nos bons e maus momentos. Agradeço também a minha família: minha irmã Kelly, meu pai Mauricio e, em especial, a minha mãe Cleusa, que me incentivou durante todo o curso e não permitiu que eu desistisse nos momentos difíceis.

## **Banca examinadora**

---

**Profª Érika Regina Soares de Souza (Orientadora)**

---

**Profª Carmen Zirr Artuzo (Membro)**

---

**Profª Ana Maria Macedo (Membro)**

## **Sumário**

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| <b>Resumo</b>                                         | 06 |
| <b>Introdução</b>                                     | 07 |
| <b>I - O pacto de Dorian Gray e o mito de Narciso</b> | 10 |
| <b>II - <i>O retrato de Dorian Gray</i> e a arte</b>  | 19 |
| <b>Considerações finais</b>                           | 26 |
| <b>Referências Bibliográficas</b>                     | 27 |
| <b>Anexos</b>                                         | 29 |

## **Lista de ilustrações**

|                                                        |           |
|--------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Figura 1 - O retrato da alma de Dorian Gray</b>     | <b>12</b> |
| <b>Figura 2 - Narciso olhando-se através das águas</b> | <b>15</b> |
| <b>Figura 3 - A dupla face de Dorian</b>               | <b>22</b> |

## Resumo

Este trabalho trata de uma renomada obra, *O Retrato de Dorian Gray*, um romance inglês escrito por Oscar Wilde em 1890. A obra narra a história de Dorian Gray, um jovem de uma beleza rara, que se envaidece ao ponto de desejar que sua beleza se tornasse eterna, isso o leva a realizar um pacto com o retrato de si mesmo que Basil, um artista e seu amigo pessoal, havia pintado. A partir dos aspectos que dizem respeito a esse pacto, proponho-me a analisar as relações que se podem estabelecer entre o mesmo com o mito de Narciso e o culto à beleza, a relação com a arte e o belo, bem como, as críticas que o autor faz à sociedade de sua época através dessa obra.

## Introdução

Esta obra de Wilde foi um tanto polêmica, pois abrangeu áreas da vida do homem de uma época em que os costumes puritanos, sendo um desses o grande valor que se dava à moral, mesmo quando vivida apenas de aparência, predominavam. *O Retrato de Dorian Gray* marcou a sociedade britânica, assim como o próprio Oscar Wilde que, com sua filosofia de vida e a forma de expor suas idéias e pensamentos sobre o cenário em que vivia, fez com que muitas controvérsias fossem criadas. Principalmente no que se refere à sua opção sexual, Wilde sofreu muitas críticas e chegou a ser condenado e preso sob acusações de homossexualismo. Wilde abalou a sociedade de sua época com sua filosofia de vida, idéias e pensamentos que eram tidos até mesmo como anti-cristãos. Eis algumas de suas frases para que se possa entender e identificar melhor tais idéias:

- Sou contra os noivados muito prolongados. Dão tempo às pessoas para se conhecerem melhor, o que não me parece aconselhável antes do casamento.
- Os jovens, hoje em dia, imaginam que o dinheiro é tudo e, quando ficam velhos, descobrem que é isso mesmo.
- A idéia que não é perigosa não merece ser chamada de idéia.
- A verdade, em se tratando de religião, é simplesmente a opinião que sobreviveu.
- A verdade não é complexa, nós é que somos.
- A máscara diz mais do que a face.
- A indiferença é a vingança do mundo contra as mediocridades.

Este trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro trata do pacto de Dorian Gray e sua analogia com o mito de Narciso; o segundo trata da preocupação do autor, Oscar Wilde, com a maneira como a arte era tratada em sua época, a atenção que era ou não dada a uma verdadeira obra de arte e como Wilde expressa isso em sua obra.

Partindo de teorias de autores como Flávia D. C. Moraes (1999), Homero Vettorazzo Filho (2007), Gilles Deleuze (1991) e o próprio Oscar Wilde, entre outros, analiso os aspectos e as simbologias que envolvem a noção de beleza e juventude

eterna, a regressão do quadro e a relação com o *belo*, dentro dos aspectos que dizem respeito ao pacto realizado pelo personagem de Dorian Gray.

Oscar Wilde utiliza-se da personagem de Dorian para expressar a maneira como via a arte e o tratamento medíocre que a ela era dado. DELEUZE, (1991), trata da arte e aponta para o fato de que toda obra de arte deve se significar por si mesma e em si mesma. Wilde elenca que *Toda arte é absolutamente inútil*, uma vez que é para ser admirada veementemente e não para ter alguma serventia. Porém, a sociedade britânica julgava apenas pelas aparências e da mesma forma se portavam e viviam. Oprimidos pelo puritanismo – uma concepção da fé cristã bastante influente da época – eram levados a esconder sua verdadeira forma de viver, sua verdadeira personalidade, sua essência.

*Podemos perdoar a um homem a criação de uma coisa útil, contanto que ele não a admire. A única justificativa para a criação de uma coisa inútil é que ela seja admirada intensamente. Toda arte é absolutamente inútil. (WILDE, 2007)*

## 1 - O pacto de Dorian Gray e o mito de Narciso

O *Retrato de Dorian Gray* é considerado uma das obras primas de Oscar Wilde e, o único romance do autor, escrito em 1890. O livro conta a história de Dorian Gray, filho de uma linda mulher que arriscara sua vida por uma paixão, deixando-o a mercê da tirania de um velho, o avô de Dorian. Este homem havia proibido o relacionamento de sua filha com o homem que ela amava, por serem de classes sociais muito diferentes. Mas, mesmo contra a vontade de seu pai, a moça, Lady Margaret, casa-se com o rapaz. O pai de Margaret, o velho Kelso, propõe um duelo entre seu genro e um homem ao qual paga para que o mate.

Uma linda mulher arriscando tudo por uma louca paixão. Algumas semanas de felicidade veemente cortada por um crime traiçoeiro, hediondo. Meses de agonia muda o garoto nasce dessa dor, a mãe levada pela morte, o filho abandonado à solidão, à tirania e ao desamor de um velho (WILDE, 2002: 41).

Nota-se, desde já, que o contexto em que nasce Dorian não é muito favorável. A vida lhe colocaria de frente a situações que poderiam lembrar seu passado e certamente ele deverá escolher o caminho pelo qual andar. Podemos adiantar que as escolhas de Dorian é que traçarão seu destino.

O rapaz - Dorian Gray - era extremamente belo e aos vinte anos de idade, numa das festas da sociedade Inglesa, conhece Basil Hallward, um pintor muito famoso em sua época. Este se propõe a pintar o admirável e de rara beleza Dorian Gray, num retrato em tamanho real. É através deste retrato que o rapaz se dará conta da totalidade de sua beleza, pois até então não havia se preocupado com isso, nem sequer havia parado para pensar sobre isso, até esse momento nunca reparara em sua própria beleza.

Basil tinha um grande amigo, Lorde Henry Watton. Um dia, quando chega à casa de Basil para posar para o seu retrato, como de costume, Dorian o conhece e fica fascinado por sua filosofia sobre o homem daquela Inglaterra e sua vida hipócrita. Eles começam a se encontrar com frequência e, em consequência disso, a vida de Dorian começa a mudar totalmente. Wotton, através de seus belos discursos, abre os olhos do rapaz para sua maravilhosa aparência, então Dorian começa a ficar obcecado por sua própria beleza e com medo de envelhecer. Lorde

Wotton chama a atenção de Dorian para o fato de que, conseqüentemente, ficará velho e feio.

(...) A noção de sua beleza dominava-o como uma revelação. Nunca a tivera antes dessa hora. Sempre tomara os elogios de Basil por um exagero gentil de amigo. Ouvira-os, rira deles, esquecera-os. Nunca esses cumprimentos lhe tinham influenciado a índole. Eis que surgira Lorde Henry Wotton com o seu singular elogio da mocidade, a terrível advertência da breve duração dessa quadra da vida. (...) (WILDE, 2007: 35)

Desde então uma ansiedade e total obsessão começam a invadir todo o ser de Dorian, e um desejo terrível começa a dominar por completa a sua mente e o seu coração. Ele deseja que seu retrato assuma todos os sinais desagradáveis, obscuros e desventurosos que pudessem vir sobre ele em um futuro muito próximo, e que ele pudesse ser jovem e belo eternamente. Menciona que seria capaz de entregar a própria alma em troca desse favor, sem saber que isso poderia lhe trazer conseqüências terríveis e que ele nunca imaginara em toda sua vida, e que estas poderiam perséguir-lo por toda a existência.

(...) Se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse!... Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até a alma! (...)  
(...) \_ Tenho inveja de todas as coisas cuja beleza não morre. Tenho ciúme do retrato que você fez de mim. Porque ele há de guardar o que perderei? Todo momento que passa tira-me alguma coisa para dar a ele. Oh! Se fosse possível o inverso! Se o retrato mudasse, e eu fosse sempre o que sou agora! Porque pintou esse quadro? Ele zombará de mim dia a dia... Zombará horivelmente! (WILDE, 2007: 37)

O desejo do coração de Dorian é expresso por seus lábios e de alguma forma, e em algum lugar, fora ouvido, talvez por alguém ou por algo e, pelo desenrolar dos fatos, é possível presumir que foi atendido. Ao observar o quadro, ano após ano, o belo e maravilhoso rapaz percebe que os traços da pintura se modificam apavorantemente. A beleza e a juventude se transformam em velhice e feiúra, que tomam conta de sua face estampada no retrato.

Como isso acontecera? Será que, ao dizer essas palavras, Dorian imaginara que realmente poderia ser jovem para sempre enquanto seu retrato envelheceria? A noção de beleza eterna o cegara a tal ponto que naquele instante é possível que tenha mesmo pensado que sim.

No decorrer da história, sob possíveis influências de Lorde Wotton, o protagonista da obra se corrompe e passa a dedicar-se a realizar todos os seus próprios caprichos e prazeres.

Quando ele, inconseqüentemente menciona seu desejo, o que acontece de fato, é uma troca: enquanto a alma de Dorian fica presa ao retrato, a beleza eterna da pintura prende-se a ele. Sua verdadeira personalidade se revela a cada dia através do quadro. Dorian começa a praticar todas as coisas consideradas abomináveis e sujas, porém, nada disso transparece em sua face, ele continua impecável, exatamente como aos seus vinte anos de idade, quando seu retrato fora pintado. Todo sentimento de inveja, ira, maldade, tristeza, tudo o que há de mais horrendo em Dorian é automaticamente refletido em seu retrato através de sua alma.

**Figura 1- A outra face de Dorian (o retrato de sua alma)**



Analisando a obra, percebe-se que o retrato pintado por Basil é a representação simbólica da alma de Dorian Gray, ou ainda o espelho que absorve tudo o que há de mais terrível em sua alma, que reflete não só a sua alma, mas a sua personalidade interior, tudo aquilo que ele pensava que deveria ser guardado dentro de seu ser, onde ninguém poderia ver. O espelho é simbólico, é o reflexo da alma, ele não mente. É o conhecimento do homem sobre si mesmo. Segundo VETTORAZZO FILHO, 2007

A relação entre "imagem" e o desenvolvimento do Eu, como subjetividade, sempre esteve presente nas teorizações psicanalíticas. Lacan, seguindo Freud, propôs com a noção de estágio do espelho um momento constitutivo, no qual se produz a partir da identificação à imagem do outro – matriz identificante –, uma imagem unificada de si, correspondente aos primeiros esboços do Eu. Ao reconhecer sua "imagem", a criança inicia uma relação especular com ela, correlata à sua relação com a mãe, cujo olhar é tal qual o próprio espelho em que se vê. Tal condição nos permite ainda pensar a questão narcísica sob o vértice do "outro" que, implicado em seu próprio narcisismo, também se vê refletido na própria imagem que projeta. (P. 02)

Essa relação do retrato de Dorian com o espelho nos remete ao mito de Narciso, que segundo a Mitologia Grega, era um jovem dotado de extrema beleza, filho do deus Céfiso e da ninfa Liriope. No dia em que ele nasceu, o adivinho Tirésias profetizou que desde que não visse a si próprio, Narciso viveria longamente. Porém, havia Eco, uma ninfa que se apaixonara por Narciso sem nunca ser correspondida. A ninfa havia recebido um castigo da deusa Era: não mais falaria, apenas repetiria os últimos sons das palavras que ouvisse.

Certo dia de verão, Narciso partira para caçar com alguns amigos e Eco o seguia sem que alguém a visse. Tendo-se afastado muito de seus amigos Narciso percebe que está perdido e começa a gritar por eles. Segundo Brandão (2000), *Antonio Feliciano de Castilho nos deu, com sua tradução do latim para o português, o tom, primeiro das esperanças e, depois, do desespero de Eco:*

Dos sócios seus na caça extraviado  
Narciso bradava: *olá! Ninguém me escuta?*  
*Escuta*, lhe responde a amante ninfa.  
Ele pasma, em redor estira os olhos;  
E, não vendo ninguém: *vem cá, lhe grita;*  
Convite igual ao seu parte dela.  
Volta-se, nada vê: *Por que me foges?*  
Clama; *Por que me foges*, lhe respondem.  
Da mútua voz deluso, insiste ainda:

*Juntemo-nos aqui. Frase mais doce,  
Nem lha espera, nem quer; delira, e logo,  
Juntemo-nos aqui, vozeia em ânsias  
De o pôr por obra; a espessura rompe,  
Vem de braços abertos, anelando,  
Tão suspirado objeto, alfim colhê-lo.  
Ele foge; fugindo, ilude o abraço,  
E Antes, diz, *morrerei, que amor nos una.*  
Ela, imóvel, co'a vista o vai seguindo,  
E, ao que ouviu, só responde: *Amor nos una.* (P. 177, 178)*

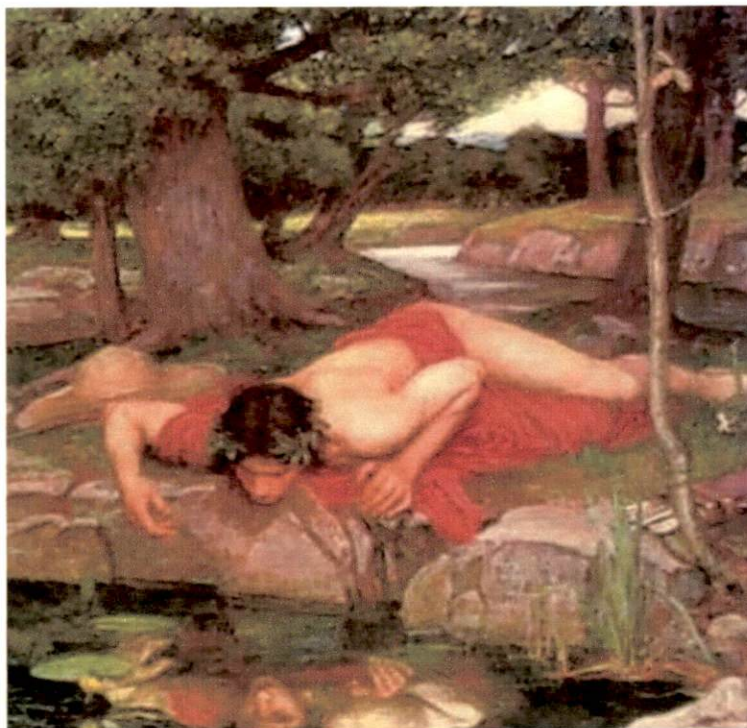
Muito friamente, Eco fechou-se em sua paixão por Narciso, deixando-se de se alimentar, definhou. Transformou-se num rochedo condenada a apenas repetir os últimos sons das palavras que ouvia. Então as outras ninfas irritadas com a falta de sensibilidade de Narciso, rogaram a Nêmesis que o castigasse. Este condenou Narciso a amar um amor impossível.

Certo dia estava Narciso com sede e aproximou-se da fonte de Téspias para beber de suas límpidas águas. Ainda na tradução de Antônio Feliciano de Castilho:

Sem limos, toda esplêndida, manava,  
Fonte argêntea, onde nunca os pegureiros,  
Nunca do monte as cabras repastadas,  
Nem outra qualquer grei, jamais desceram;  
Ave alguma o cristal lhe não turbara,  
Nem fera, nem caduca arbórea rama.  
Com seu frescor em torno se lhe alastra  
Mole tapete ervoso, e a cingem bosques,  
Do lago contra os sóis perene escudo.  
Da beleza do sítio, e do saudoso  
Murmúrio cativado, aqui chegava,  
Da calma, e do caçar opresso, o jovem. (P. 180)

Debruçou-se sobre o espelho imaculado das águas e viu-se. Viu a própria *imago* (imagem), a própria *umbra* (sombra) refletida no espelho da fonte de Téspias. *Si non si uiderit*. "se ele não se vir", profetizara Tirésias. Viu-se e não mais pode sair dali: apaixonara-se pela própria imagem. Nêmesis cumprira a maldição. (BRANDÃO, 2000: 180)

**Figura 3 - Narciso olhando-se através das águas**



A maldição de Narciso foi sua própria imagem, assim como a de Dorian Gray. Narciso, ao se ver apaixonar-se por sua imagem, ficando obcecado pela mesma, não consegue mais deixar de se olhar através do reflexo das águas, não se alimenta, não dorme, nada mais. Vive, agora, em função disso, observar sua beleza. E esta é a sua perdição.

*A sombra que vês é um reflexo de tua imagem.  
Nada é em si mesma: contigo veio e contigo permanece.  
Tua partida a dissiparia, se pudesses partir...  
Inútil: sustento, sono, tudo esqueceu.  
Estirado na relva opaca, não se cansa de olhar seu falso enlevo,  
E por seus próprios olhos morre de amor. (P. 181)*

Narciso morreria de amor por si próprio, por sua bela e esplêndida imagem refletida nas águas do rio Téspias. O fim de Dorian Gray não é muito diferente do de Narciso, pelo contrário, sua beleza, sua maravilhosa aparência, tal como a de Narciso e, todas as coisas belas e de valor externo que buscou e às quais dedicou toda a sua vida, sua miserável vida, foi a causa de seu horrível fim.

Como Dorian Gray, Narciso viu o reflexo de sua própria alma, viu o seu próprio *eu*, como era de verdade, sua imaculada beleza. O espelho que revela o outro eu de Dorian é seu retrato, já o de Narciso são as águas do rio Téspias.

Para Bachelard, as águas são um espelho aberto às profundidades do eu. Por isso é que Narciso, ao olhar para a sua imagem refletida na água, tem uma visão idealizante de sua imagem: vida e morte, presença e ausência, no jogo mágico e no desejo obsedante de buscar o sentido da vida na perquirição da morte. A água serve de espelho, sempre aberto sobre as profundezas do eu, pois o reflexo do eu, que aí se mira, sugere, uma idealização. O espelho é motivo para uma "imaginação aberta". (COSTA & CRUZ, 2007: 03)

O reflexos de suas almas mostram quem realmente são. Dorian tinha pavor da regressão de sua imagem e fez o tudo o que pode para conservá-la. Narciso amava tanto a própria beleza que se condena a admirá-la até que a morte chegue.

Narciso e Dorian eram extraordinariamente belos por fora, mas, por dentro, eram da mesma forma egoístas. A diferença entre ambos é que Dorian passa por uma vida inteira de desgraças antes de sua morte, e teve muitas chances de se redimir; e Narciso, assim que é capaz de enxergar seu próprio *eu no espelho das águas*, não tem chance de voltar atrás, a fonte que deveria ser de vida é a sua condenação e morte eterna, cumprindo-se a profecia de Tirésias.

Dorian passou a vida inteira, a partir do pacto que realizou com seu retrato, cometendo atrocidades e todo tipo de crueldade e coisas ruins contra quem cruzasse seu caminho e contra si próprio. Destruiu-se com o álcool e muitos tipos de vícios. Viveu egoistamente, destruiu não só sua própria vida como também de outras pessoas em busca de todo tipo de prazeres e beleza estética. Mas, quando percebe todo o mal que havia feito, pensa em se redimir, não sabendo que poderia ser tarde. Vai ao quarto onde escondia seu retrato com certa esperança.

Uma vida nova! Eis o que ele almejava, o que o interessava nesse momento. Já iniciara de certo modo, poupando a vida de um inocente. Nunca mais abusaria da inocência. Havia de ser bom.

(...) Naturalmente, o quadro já não deveria parecer tão medonho. Uma vida de expiação, uma vida pura talvez desfizesse as marcas horríveis que o deformavam. Algumas já poderiam ter desaparecido. Dorian resolveu certificar-se.

(...) um grito de terror, de indignação, irrompeu-lhe dos lábios. Não se operara mudança visível, salvo nos olhos, onde Luzia uma expressão nova de astúcia, e na boca vincada, um trejeito hipócrita. A imagem odiosa torna-se, se ainda era possível, mais repulsiva. (...) (WILDE, 2007: 193, 194)

Dorian esperava mesmo que se livraria de tudo facilmente, porém, isso não acontece. Seu retrato estava ainda pior e agora revelava que toda sua vontade de mudar de vida não passava de hipocrisia e uma estratégia para continuar vivendo de aparência.

Em desespero, Dorian olha ao seu redor e encontra a faca que usara para matar Basil, pensa então que desta vez estaria livre. Então, lança-se sobre o retrato e com a faca o trespassa.

Ecoou um grito, seguido de um estrépito. O grito tão pavoroso, na sua agonia, fora tão lancinante, que a criadagem acordou e acudiu alarmada. (...) No chão, jazia o cadáver de um homem em traje de rigor, com uma faca cravada no peito. Ele estava lívido, enrugado e repugnante. Só pelos anéis é que seus criados conseguiram identificá-lo. (WILDE, 2007: 195)

Enfim, tudo havia terminado. O fim de Dorian, como podemos perceber, é surpreendente e semelhante ao de Narciso. Tudo havia começado por causa de sua beleza, por ser tão belo e por escolher usar isso de forma egoísta. Assim como para Narciso sua bela imagem só lhe trouxe desgraças e maldição. Trouxe seu fim, seu miserável e horrível fim.

Narciso adorou a sua imagem até que foi consumido pela chama da paixão, foi perdendo a beleza encantadora das Ninfas e afoga-se nas águas que refletira sua imagem, ele se entrega a morte, debilitado sem a beleza de antes, com a imagem degradada pela angústia. Dorian também morre em função do seu retrato: o espelho da sua alma começa mexer com a sua consciência, não é possível destruí-lo, pois ele mesmo o representa, e acaba por destruir a si mesmo tentando destruir a imagem que reflete seu inconsciente. Dorian se entrega a morte tal como narciso. Ao morrer assume todos os estigmas e degradação do tempo que estava refletido no retrato que os escondia. Narciso morre e não é encontrado para o funeral. Apenas uma flor roxa recorda sua memória. Dorian morre e fica irreconhecível, só é identificado por causa dos acessórios usados por ele. (SOUZA, 2008: 33)

Dorian pensou que destruindo seu retrato tudo acabaria, tudo voltaria a ser como antes. Mas, por um instante havia se esquecido que no pacto que fizera, trocara com o retrato sua alma. Sua alma pela beleza eterna do retrato. A perfeita obra de arte de Basil havia se estabelecido em Dorian e a triste e pavorosa alma dele havia sido presa no retrato. No entanto, ao esfaquear o retrato tudo o que consegue é matar a si próprio, sua alma.

Dorian amara a beleza apenas, a beleza externa de tudo o que a possuía. E nunca conseguiu enxergar e admirar a verdadeira beleza das coisas. Da mesma forma Basil, como artista, admirava apenas a beleza que seus olhos podiam ver, não tratara sua própria arte como tal. Esquecera que a beleza da obra de um artista está em sua essência. Como já destacamos antes, Wilde dissera que a arte só serve para ser admirada, sentida. Assim como para Deleuze, a arte fala por si própria, pois é linguagem e significa por si e em si.

## II - O retrato de Dorian Gray e a arte

A obra também faz uma alusão ao esteticismo relacionando-o a arte, que inclui a pintura, a literatura e o teatro. Segundo o jornalista e pesquisador Gilfrancisco Santos, Oscar Wilde revela toda sua aversão à mediocridade com que a arte era tratada e diz que *não existe livro moral ou imoral. Os livros são bem ou mal escritos. Eis tudo;* ou *O artista é criador de coisas belas. Não há artista doentio. O artista pode exprimir tudo.* Ainda, para Deleuze (1991), o artista é criador do belo e tem controle total de sua obra, pois, se o autor não o tem muito menos o leitor poderá, de fato, apreciá-la, pois a arte deve provocar sensações no mesmo.

(...) a arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si (quid jûris?), embora, de fato, não dure mais que seu suporte e seus materiais (quid facti?) pedra, tela, cor química, etc. (...) O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações (...) (DELEUZE, 1991: 210)

A obra de arte de fato é perene e, por si só, significa. É linguagem em si. Ela não pode ser réplica, mas constrói o outro real.

Logo no início da história Basil, o pintor, revela a Wotton sua fascinação por Dorian, diz que nunca poderia expor esta obra de arte (sua pintura), pois nela colocara muito de si, revelara nela muito de seu eu, deixando transparecer principalmente o deslumbre e obsessiva admiração que sentia pelo rapaz. E diz:

(...) todo retrato pintado com sentimento retrata o artista e não o modelo. Este é apenas uma casualidade, o pretexto. Não é o modelo o que o artista revela; eu diria que o pintor, na sua tela, se revela a si próprio. O motivo pelo qual não tenciono expor esse retrato é o receio de ter deixado nele o segredo da minha alma. (WILDE, 2007: 18)

Através de sua pintura, Basil poderia mostrar ao mundo o que havia de mais profundo em sua alma. Mas isso, na verdade, acontece com Dorian, ao fazer o pacto com seu retrato todos os seus segredos mais íntimos começam a se revelar através do mesmo. O seu verdadeiro eu é lançado sobre a mais bela obra de Basil, os mais profundos abismos retidos na alma de Dorian, as paixões, os caprichos, os desejos e todos os sonhos de satisfação e de maldade, enquanto em sua face permanece

toda a beleza e pureza que o apresenta como um jovem bom, cheio de ternura e de bons valores.

Basil havia dito a Wotton que sentia que seu destino e o de Dorian estariam ligados para sempre através dessa pintura, mas ele não podia imaginar de que forma isso se daria. A única coisa em que poderia pensar em relação a isso é que poderia ser algo bom, já que Dorian e ele haviam se tornado grandes amigos.

Wilde expressa através de seus personagens tudo o que ele próprio gostaria de dizer sobre uma sociedade cheia de máscaras existentes em sua época, uma sociedade que pregava coisas que vivia apenas nas aparências. O autor invade a alma humana e revela seus abismos: *suas paixões, seu cinismo, suas hipocrisias, seu sonhos*.

As virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas a postura moral, entendendo-se moral vitoriana como um conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (*seriousness earnestness*), a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações. (MORAIS, 1999)

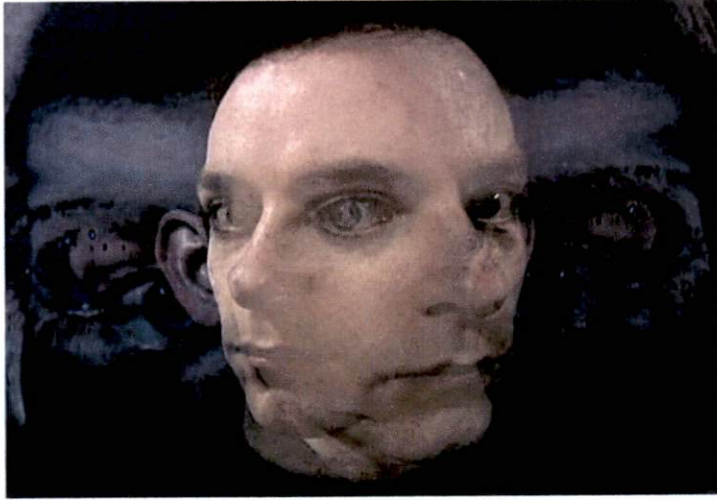
Devido à influência do Puritanismo, os escritores eram tidos como *profetas*, guias de uma sociedade que realmente tinha medo de enfrentar as mudanças e tendências que surgiam em várias áreas de suas vidas. Todas as obras deveriam exaltar os valores morais mostrando apenas o lado belo das coisas. E os próprios editores tratavam de assegurar que nada que fosse publicado rompesse esses princípios. Essa era apenas uma das influências – ou forma de repressão como dizem alguns teóricos - que o puritanismo exercia sobre a sociedade britânica. E devido a tudo isso, alguns se sentiam mais reprimidos e não conseguindo esconder sua verdadeira face, eram julgados e enfrentavam preconceitos e críticas, assim como o próprio autor Oscar Wilde, mas com a diferença de que este último não aceitava essas críticas e gritava o quanto podia pela liberdade de expressão e liberdade de escolher a forma de viver.

Wilde foi um dos escritores que, considerado muito além dos padrões de sua época, tratou de romper tais princípios. Era criticado por deixar transparecer em suas obras a verdadeira face de uma sociedade que se preocupava em mostrar

valores morais e uma beleza que poderia não existir de fato. Uma sociedade que como a nossa, se prendia muito a beleza, porém não sabia apreciá-la e tratá-la na sua essência. Wilde expressa por intermédio de *O retrato de Dorian Gray* todo valor do belo e ao mesmo tempo o quão fútil e inútil pode ser quando não apreciado da forma devida. A beleza desde sempre foi muito importante em nosso mundo, porém as pessoas têm por belo apenas o que é visível aos olhos, não conseguem apreciar a verdadeira beleza que pode estar na alma, na essência e não somente no que se vê. Assim é a arte para Wilde, sua verdadeira beleza está em sua essência, a verdadeira arte é para se sentir, pois ela fala por si mesma, significando por e em si mesma.

Dorian Gray é um exemplo de tudo isso, sua aparência é sua beleza, sua juventude e meiguice. Por fora ele é um ser considerado perfeito, de uma beleza rara que poderia enganar todo olho que o visse. Por dentro era seco, tudo o que fizera a seu ver estava absolutamente certo, pensara que o mais importante da vida fosse a aparência. Porém, sua alma, sua verdadeira essência que deveria estar dentro dele, devido ao pacto que fizera, estava presa ao seu retrato, sua essência gritava a verdade sobre seu ser, sobre seu viver. Porém, ao perceber isso, Dorian escondeu o quadro no lugar mais obscuro de sua casa, onde sabia que ninguém jamais veria e, portanto, nunca saberiam de seus feitos malignos e de suas desgraças. A beleza externa de Dorian deveria ser a essência do quadro - a beleza da arte que é perene - e a essência do próprio Dorian; sua alma era simplesmente a estética do quadro.

**Figura 2 - A dupla face de Dorian**



No decorrer de sua vida, Dorian comete muitas atrocidades. Ao freqüentar o teatro com Lorde Henry conhece uma jovem atriz das peças de Shakespeare, Sibyl Vane, a qual desperta a princípio certo ciúme em Basil, mas depois a aceita, pois pensa que ela pode inspirar beleza a pessoas cujas vidas são *sórdidas e feias*. A mãe de Sibyl, dizia que ela não poderia pensar em outra coisa senão em representar, que sua vida deveria ser para o teatro, porém a moça não vê mais assim quando conhece Dorian. Sua paixão é tão intensa que decidira abandonar tudo, pois, para ela a vida do teatro não passava de uma vida de fantasias, portanto queria viver a realidade agora, a realidade de um amor intenso.

Como sempre faz, Dorian vai ao teatro ver Sibyl representar e, quando percebe que ela o fez horivelmente, ele a segue até o camarim e põe fim ao relacionamento. A moça fica apavorada, pois o amor que sentia por ele era tão forte que pensou não conseguir viver sem o mesmo e num ato de desespero suicida-se.

(...) Eu abomino o palco. Podia arremedar uma paixão que não estou sentindo, mas não posso imitar a que me queima como fogo. Oh! Dorian, Dorian! Você pode compreender agora o que isso quer dizer? Ainda que isso me fosse possível, seria profanação fazer o papel de uma apaixonada. Foi você quem me fez perceber isso!

Dorian deixou-se cair no sofá e voltou o rosto.

— Matou o meu amor, Sibyl!

(...) Antes, excitava-me a imaginação. Agora não me desperta se quer a curiosidade. Não me causa, simplesmente, a menor impressão. Eu amei, porque você era maravilhosa, porque tinha talento e inteligência, porque concretizava o sonho dos grandes poetas e dava forma e substância às

criações da arte. Desprezou tudo isso. Logo, é superficial e tola. (WILDE, 2007: 88, 89)

Ao voltar para casa, Dorian observa a pintura e percebe que nos lábios há um toque de crueldade. O quadro realmente tinha o segredo de sua vida e contava sua história. Aquela obra-prima de Basil havia lhe ensinado a amar sua própria beleza e apenas a beleza. O verdadeiro sentimento de Dorian, se ele ainda possuía algum, era pela beleza do teatro, pela bela atuação da jovem. Enquanto Sibyl representava com excelência e magnitude, ele a admirava, porém, quando ela resolve deixar tudo isso por seu grande amor a ele, o mesmo passa a odiá-la, da mesma forma que odeia tudo o que não é belo, como sua pintura que mostra agora o retrato de sua alma demoníaca.

Em uma visita a casa de Dorian, Basil descobrira o que estava acontecendo com a pintura e lembrara-se do pacto, o rapaz o acusa de ser o culpado por tudo o que acontecera consigo mesmo dizendo que, se não o tivesse pintado, nada disso haveria de ser, e então o mata e esconde o cadáver. Eis aí os destinos deles se cruzando, como Basil dissera a Wotton. O artista e sua *obra de arte*, arte que se volta contra ele, seu autor. Não da forma que Basil espera, ou da forma que mencionara lorde Wotton no dia em que lhe apresentou Dorian. Pois Basil havia dito que sua obra poderia revelar ao mundo os segredos de sua alma.

Certa vez, quando Basil dizia a Wotton que deixasse de influenciar Dorian, Wotton disse que não poderia influenciar ninguém, pois:

(...) influenciar uma pessoa é emprestar-lhe a alma. Essa pessoa deixa de ter idéias próprias, de vibrar com as suas paixões naturais. As suas qualidades não são verdadeiras. Os seus pecados, se é que existe o que se chama pecado, vem-lhe de outrem. (...) (WILDE, 2007: 29)

Analisando os acontecimentos sobre Dorian e Basil, seria possível afirmar que as influências exercidas sobre o tão belo rapaz viriam de fato do próprio Basil, e não de lorde Wotton, pois este seria apenas como algo ou alguém que dá o famoso *empurrãozinho* para que todo o drama se inicie, aquele que abre os ouvidos de quem está disposto a lhe ouvir. Teria Basil emprestado sua alma a Dorian? Entregando-lhe todos os desejos de sua alma e toda a sua obsessão pela beleza, o belo, pela arte? Dorian ficara fascinado por sua beleza a partir do momento em que

lord Wotton lhe chama a atenção para isso, porém Basil já era apaixonado pela beleza de Dorian e pelo que poderia lhe oferecer em sua vida de artista.

(...) Desde o instante em que o vi, Dorian, a sua personalidade exerceu em mim uma influência extraordinária. Dominou-me completamente. Você foi, desde esse momento, para mim, a encarnação do ideal invisível que habita como um sonho delicioso a imaginação de todo artista. Eu o adorei, tive ciúme da atenção que você daria a outrem, quis tê-lo só para mim e só me sentia feliz na sua companhia. mesmo ausente, você estava presente na minha arte... (...) Sabia apenas que estava face a face com a perfeição, que o mundo se tornara maravilhoso aos meus olhos; maravilhoso de mais, talvez, porque essas idolatrias escondem perigo: o perigo de perdê-las, não menos do que o perigo de conservá-las... (...) (WILDE, 2007: 111, 112)

É totalmente perceptível que quem idolatrava e era obcecado pela beleza e por sua arte era o próprio Basil Hallward e não Dorian. O rapaz se torna adorador de sua beleza depois do quadro pintado e as palavras ditas por lord Wotton, porém tudo se concretiza após o pacto que realiza. O que acontece então é uma transferência dos sentimentos do artista para Dorian, pois Basil e sua arte estão ligados e unidos como se fossem um. Ele apaixonado pela beleza e pela arte, porém, de forma egoísta. E Dorian se torna assim fascinado pela beleza ao ponto de se apaixonar pela beleza da arte de Sibyl Vane, pela maneira graciosa e perfeita com que atuava no teatro, não pela própria Sibyl e o que ela era em si mesma.

O rapaz estava com vinte anos de idade quando percebe a realidade que o cerca e o poder da beleza que possuía, não é de se admirar que nunca tenha dado conta disso antes? Basil pintou Dorian de um modo que depositou nele toda sua vida, toda sua relação com a arte e dissera que jamais faria trabalho semelhante a aquele. Seria bem possível que toda essa obsessão, reprimida de certa forma, se manifestasse em seu modelo através do pacto, pois Basil e sua arte eram como um só, estavam interligados, de forma que eram inseparáveis, o coração do artista estava em sua arte. Dessa forma seria óbvio que Dorian, na verdade, a pintura presa em seu corpo, revelasse todo o desejo que Basil possuía em seu coração pelas coisas belas ao ponto de fazer qualquer coisa para realizar seus objetivos.

No prefácio da obra, Wilde deixa muito clara sua visão sobre a arte: *Revelar a arte e cobrir o artista é a razão de ser da arte. O crítico é aquele que é capaz de exprimir de modo distinto e com material diferente a sua impressão das coisas belas.* A arte para Wilde é a forma de o artista expressar a verdadeira beleza das coisas, e por isso ela deve falar por si própria e não revelar o artista, a realidade de seu ser. E

é isso o que Basil faz através da pintura de Dorian. Ele deixa transparecer o seu próprio eu aos olhos de Wilde, um crime na arte. E este ser de Basil é o que vai refletir em Dorian a partir do momento do *pacto*.

Ainda no prefácio, Wilde diz que *Toda arte é absolutamente inútil*. E a única justificativa para algo inútil é que a admirem intensamente. Sendo assim, entende-se que a arte possui uma única finalidade: ser admirada. Não tem outra razão de ser que não seja esta. A arte para Wilde é essência, é para se sentir e se admirar, e não para ter utilidade. Ao contrário, tudo o que é útil não pode ser considerado obra de arte.

## Considerações finais

Como pudemos notar no decorrer deste trabalho, Oscar Wilde se caracterizou principalmente por ser um escritor muito além de sua época, demonstrando isso através da filosofia e pensamentos expressos em suas obras. Esta magnífica obra de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, além de muita polêmica, causou grande impacto em todo o período vitoriano. Através do protagonista da obra, Dorian Gray, e de Basil Hallward e lord Henry Wotton, Wilde destaca o culto à beleza e o que isso pode significar quando fora de controle. E expôs tudo o que lhe incomodava na sociedade inglesa, principalmente o fato de que as pessoas não se expressavam e escondiam sua verdadeira personalidade e maneira de viver devido aos costumes puritanos que deviam ser seguidos a risca quando se tratava da moral e da ética.

Oscar Wilde relaciona através da obra conceitos sobre imagem versus essência direcionando-as à sociedade inglesa. Leva-nos a refletir sobre o mito de Narciso. Tudo o que Dorian e Narciso possuíam eram a aparência, estética. Assim como DELUZE, 1991, Wilde acredita na essência da obra artística e tem o belo como referencial na arte, porém, não em relação com a realidade, mas com aquilo que não pode ser medido, pois é pra se sentir. Wilde sentia que a arte não era valorizada em si mesma, por sua essência, mas, como tudo, apenas pela estética.

Desse modo, o pacto feito por Dorian abre possibilidades para diferentes análises, porém, parti das mais polêmicas e de maior impacto. O pacto funciona como uma porta, que abre caminho para todo o drama vivido pelo personagem principal. Drama que foi desencadeado pelo desejo de beleza eterna e mostrando o preço que se teve que pagar por isso. O pacto, como um portal, leva o personagem a desenvolver uma dupla personalidade, transportando-o de um mundo a outro, colocando-o entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas. Aqui, o mundo de Dorian, que o leva para seu outro mundo, a parte de si, que ele ainda não havia conhecido, o seu verdadeiro *eu*.

## Referências Bibliográficas

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, Sueli Aparecida da & CRUZ Antonio Donizeti da. **O mito de Narciso e a imagem especular na lírica de Ferreira Gullar**. Terra Roxa e outras terras: Revista de estudos literários. Volume 11 (2007) – 1-131. ISSN 1678-2054. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol11/11\\_1.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol11/11_1.pdf)

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad.: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Editora 34 (coleção TRANS), 1991.

FILHO, Homero Vettorazzo. **“O espelho”, no mito de Narciso, em Machado de Assis e em Guimarães Rosa**. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo Instituto Sedes Sapientiae. Disponível em: [http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010131062007000200017&lng=pt&nrm](http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062007000200017&lng=pt&nrm)  
=

MORAIS, Flávia D. C. **A evolução da modernidade na filosofia e na literatura: A literatura vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época**. Campinas, 1999. 145 p. Dissertação de Mestrado (Filosofia e história da educação) – UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Gilfrancisco - Jornalista, pesquisador e professor universitário. **O retrato de Oscar Wilde**. Disponível em: <http://www.portrasedasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/oretrato>

SOUZA, Cleonice Fatima de. **O Averso da Alma em The Picture of Dorian Gray: dupilicidade e metamorfose**. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdades

Integradas Mato-Grossenses de Ciências Sociais e Humanas Souza, Cleonice, 2008. 44 p.

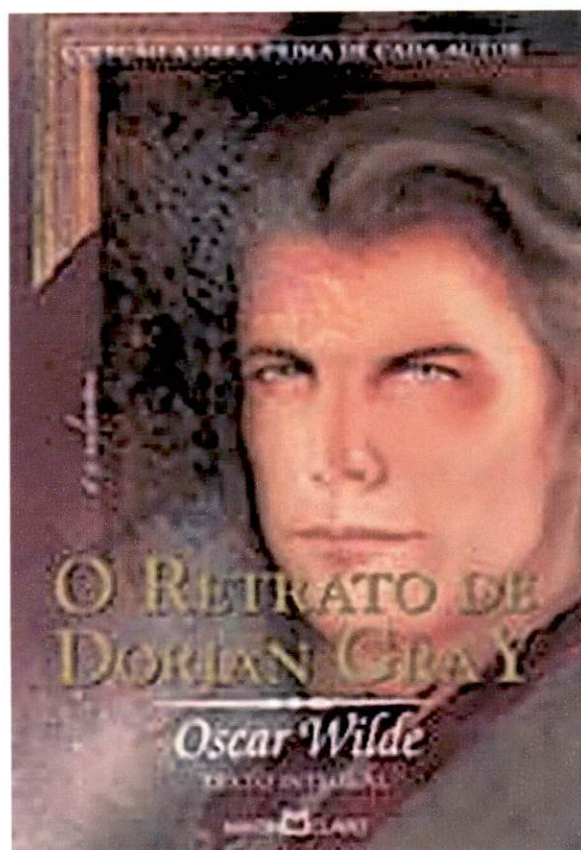
**Dicionário de símbolos e imagens oníricas.** Disponível em:  
<http://www.salves.com.br/dicsimbindex.htm>

# Anexos



Oscar Wilde

Livro – edição 2007



**Cenas do filme *The Picture of Dorian Gray***

